

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Louise Brillante Class.: 24

Data 10 de fevereiro de 1990 Pg.: _____

Balbina dá energia à Câmera 4

O vídeo *Balbina, Destruição e Morte* conquista prêmios para as denúncias do jornalista Jaime Sautchuk e sua produtora Câmera 4

Angélica Torres Lima

Dois anos após ter arrebatado o 10º prêmio Wladimir Herzog (concedido pela Fenaj, OAB e ABI) e de ter circulado dentro do País com incrível agilidade despertando enorme interesse, o vídeo *Balbina, Destruição e Morte* atravessa as fronteiras e obtém o reconhecimento de seu valor também pelo júri do 11º Festival Latino-Americano de Vídeo, Cinema e Televisão, realizado anualmente em Cuba. O resultado, divulgado recentemente, reafirma a importância da denúncia que a Câmera 4 produziu sob a concepção e a direção afiada do jornalista e escritor Jaime Sautchuk, acerca da construção de mais uma obra faraonicamente inútil na Amazônia que é a usina hidrelétrica de Balbina, implantada, a rigor, para satisfazer interesses econômicos.

Entulho do regime militar, "sinônimo de desperdício de dinheiro público e de impiedosa agressão à natureza e ao homem", a usina de Balbina não vai funcionar porque o imenso lago da hidrelétrica não terá forças para mover as turbinas. Os prejuízos econômicos e ambientais que já causou ao País e à região (fica a 180 km ao norte de Manaus, no rio Uatamã) são absolutamente irreparáveis. Acabou se tornando um fatídico personagem das tragédias que assolam a Amazônia dado o completo fracasso da obra, ou como enfatiza a narração do vídeo, ficará como "uma espécie de monumento à insanidade".

Balbina já consumiu mais de 700 milhões de dólares e o custo de cada quilowate a ser gerado será de pelo menos três mil dólares, o mais caro do Brasil; inundou 250 mil hectares de terra e a água está indo mais longe do que o previsto, destruiu fauna e flora, desabrigou os índios waimiri atroari e se esvaziarem o lago agora haverá dificuldade de controlar a matéria orgânica apodrecida. A reação em cadeia dos danos causados pela irracionalidade da obra construída é mostrada com destreza e competência pela equipe técnica da Câmera 4 sob comando de Sautchuk — um estudioso das questões fundiárias e certamente o jornalista brasileiro que mais conhece a Amazônia hoje. Catalogou mais de 200 temas ao longo de seus 18 anos de profissão, numa dedicação que já lhe rendeu alguns frutos literários e outros documentários.

Batalha Heróica — *Balbina, Destruição e Morte* foi o primeiro produto em vídeo pinçado por Sautchuk de seu vasto know how sobre os recursos naturais do Brasil. Travou uma heróica batalha com a direção da Eletronorte durante um ano, até conseguir dela a permissão e o apoio logístico para realizar o documentário. Preciso chegar até mesmo a ameaçar uma invasão na área, de câmera em punho como fez na Base de Cachimbo no sul do Pará, a fim de descobrir instalações com objetivos nucleares quando era repórter da *Folha de S. Paulo*, fato que tornou seu nome manchete na grande imprensa.

Após Balbina, Jaime Sautchuk dirigiu *A Constituinte no Gorotire* e *Na Terra dos Corta-Braços*, este sobre a realidade dos trabalhadores do sisal na Bahia. Agora prepara-se para lançar pela Câmera 4 o documentário *Via Sacra*, sobre a Semana Santa em Plaltina, com orientação teológica de dom Pedro Casaldáliga e música do argentino Martín Coplas.

"As pessoas enterram, ou melhor, alagam a História do Brasil como se

fosse brincadeira", diz esse catariense que praticamente todo mês é convidado a dar palestras sobre as questões da Amazônia em universidades brasileiras. Ao contrário dessas pessoas às quais se refere e que corajosamente enfrenta como jornalista e produtor, Jaime está dessenterrando a versão da História do Brasil que sua sensibilidade literária permitiu captar nesses quase 20 anos de pé na estrada.

Já publicou *Projeto Jari, a invasão americana* (em 78, Editora Alfa-Omega), *Guerrilha do Araguaia* (em 79, Edit. Alfa-Omega) e *Amazônia Devastada* (em 89, Editora Anita Garibaldi) e agora vai estreitar no campo da ficção editado pela Brasiliense. Vai desovar também um livro de contos e um de romance, em breve. É uma voz que deve ser ouvida, pela seriedade, paixão e talento com que se entregou.

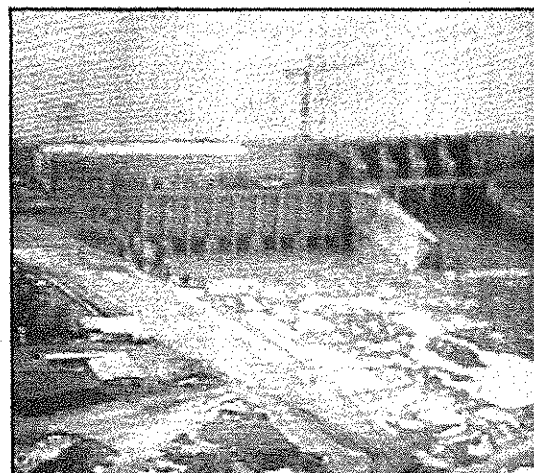
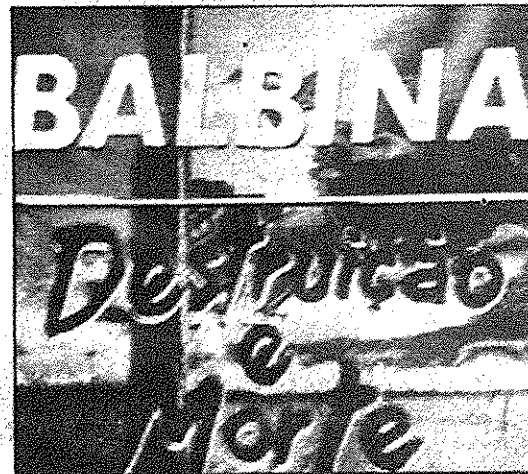
Uma produtora que investiu no jornalismo

Na época do acidente do césio em Goiânia, a CBS, maior rede de televisão americana, pôs no ar uma reportagem de dois minutos sobre o episódio, totalmente editada e produzida tecnicamente pela Câmera 4; apenas o repórter era americano. Há pouco tempo, a tevê francesa Antenne 2 ligou pedindo para eles (que produziram o horário eleitoral do candidato Mário Covas) material sobre as eleições para presidente. No ano passado, os organizadores da mostra anual de vídeo ecológico de Berlim convidaram a produtora brasileira a participar do festival com *Balbina, Destruição e Morte*. Com a recente premiação obtida no Festival de Vídeo, Cinema e TV de Cuba, a Câmera 4 mostra mais uma vez seu fôlego e reafirma sua fama de bem-sucedida, desde que se lançou em 1987 como produtora independente de jornalismo de Brasília.

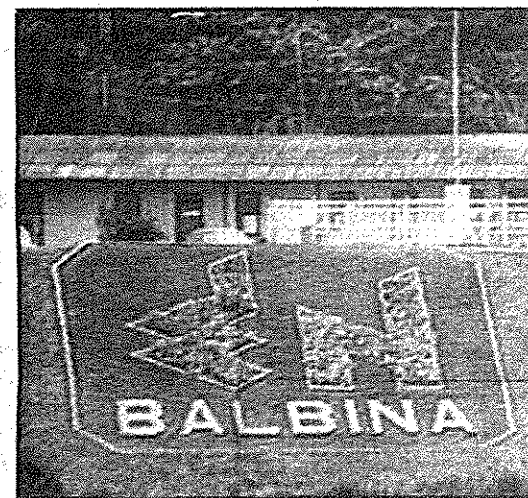
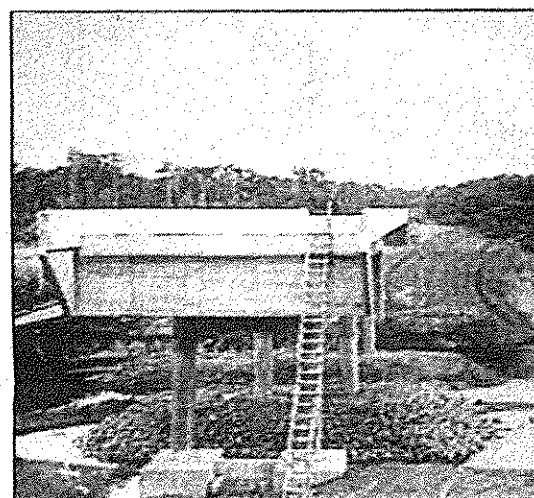
Com uma equipe de 28 pessoas — 24 delas jornalistas — a Câmera 4 se distinguiu por optar por um trabalho eminentemente jornalístico, funcionando como uma verdadeira agência de tevê, normalmente as produtoras se voltam para as produções de comerciais. Trabalham para a TV Cultura e Record de São Paulo e para a Brasil Central de Goiânia.

Com estrutura bem montada para produção diária de noticiários, a produtora pode se aventurar no campo do documentário. E tem acertado em tudo o que faz. Ano passado arrebatou outros dois prêmios; o Fiat 89, com o projeto Athos Bulcão, dirigido por Vanderley Schelbauer, e o 1º lugar no 12º Festival de Cinema e Vídeo do Maranhão com o documentário *Na Terra dos Corta-Braços*, dirigido por Jaime Sautchuk.

Através da Associação de Vídeo Popular (SP), CNBB, e entidades ecológicas, a Câmera 4 tem distribuído suas produções para todo o País. Foi assim que Balbina em pouco tempo vendeu mais de 700 cópias, número que inclui vendas de lotes para o mercado internacional. Segundo o jornalista e poeta Sávio Hackrad, 33 anos, sócio de Sautchuk na produtora, na *Segunda Vídeo Trade Show em São Paulo*, os clientes foram desde a universidade do Japão a distribuidores de vídeo do interior do Paraná e do Acre.



A Usina de Balbina não vai funcionar porque a água não terá forças para mover as turbinas. Setecentos milhões de dólares desperdiçados, que o vídeo denuncia



BETO ROCHA



JAIME SAUTCHUK Ele travou uma heróica batalha para mostrar as imagens da hidrelétrica de Balbina, entulho da ditadura

